

A TRÍADE DO INCONSCIENTE: REVISÃO E ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS DE FREUD, JUNG E SZONDI

Antonio Carlos Andrade¹

RESUMO

Dentro da ciência psicanalítica, para que se possa compreender realmente o conceito de inconsciente, é necessário que se faça entendimento sobre os principais autores dentro deste assunto, assim como, quando há complementação neste conceito, e também, em quais pontos se contradizem. Assim, o objetivo principal deste artigo é fazer a descrição e comparação dos conceitos desenvolvidos sob o nome de inconsciente, por meio da leitura das obras de Freud, que desenvolveu o conceito de inconsciente individual; Jung, que conceituou o inconsciente coletivo; e Szondi, que estudou o conceito de inconsciente familiar; procurando entender as principais definições dos autores, e analisando se elas são complementares entre si ou não. Este estudo, de caráter descritivo, emprega a metodologia qualitativa de natureza básica, juntamente com a análise de conteúdo, visando estudar os documentos, livros e artigos, em categorias de análises para que assim possa-se compreender melhor a definição de cada conceito e, assim, comparar uns aos outros buscando similaridades e discordâncias. Como resultados observa-se que todas as categorias que foram formuladas tiveram muitas similaridades e repetições dos autores. Algumas incongruências em suas opiniões foram encontradas e alguns pontos se chocaram sendo contraditórios entre si, mas, em análise geral, muitas das informações que se encontrava em um autor, era repetido em outro, o que resultou em uma concordância constante, apesar de discordâncias esporádicas. Desta forma conclui-se que ao se analisar de forma aprofundada os escritos específicos que os autores pesquisados desenvolvem sobre o conceito de inconsciente, estes escritos se mostram muitas vezes complementares entre si, fazendo-se entender que estes são mais um só conceito de inconsciente com algumas variações.

Palavras-chaves: Psicanálise. Inconsciente. Freud. Jung. Szondi.

¹ *Doutorando em Psicanálise pela Humanistic University of America. Mestre em Administração pela Fucape Business School. Pós graduado em Hipnose Clínica, Organizacional e Empresarial pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Psicanalista em formação pela Escola Freudiana de Vitória. E-mail: antoniocarlosandrade.oficial@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O conceito de inconsciente tem sido estudado ao longo do desenvolvimento das ciências psicanalíticas. Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Leopold Szondi desenvolveram conceitos e fundamentos de suas abordagens a respeito do inconsciente, mas, apesar de suas bases fundamentais, hoje são trabalhados de forma separada, como se ocorresse divergência em seus conceitos.

Assim, pretende-se analisar neste artigo de forma aprofundada a definição dos conceitos de inconsciente: individual, coletivo, e familiar; procurando compreender suas características similares e contraditórias.

Como objetivo geral, este estudo pretende apresentar de forma sucinta as definições de inconsciente definidas por estes três autores ao longo do tempo e compará-las. O objetivo específico é descrever e elucidar os tipos as principais definições do inconsciente, e comparar estas definições para resultar o entendimento se estes são complementares entre si ou não.

A hipótese aqui levantada é de que estas definições desenvolvidas sobre o conceito de inconsciente são intrinsecamente complementares, apesar de não serem idênticas em todos os pontos.

Esta pesquisa tem como justificativa, contribuir com o avanço do conhecimento sobre o inconsciente, devido haver poucas pesquisas e artigos que abordem a comparação dos conceitos de inconscientes trabalhados por estes autores.

1. O INCONSCIENTE INDIVIDUAL DE FREUD

Sigmund Freud foi um neurologista e psiquiatra austríaco, que foi o criador da psicanálise e a personalidade mais influente da história no campo da psicologia. A influência de Freud pode ser observada ainda em diversos outros campos do conhecimento e até mesmo na cultura popular, inclusive no uso cotidiano de palavras que se tornaram recorrentes, mas que surgiram a partir de suas teorias. Expressões como "neurose", "repressões", "projeções" popularizaram-se a partir de seus escritos (GAY, 2012).

O conceito de inconsciente é uma força agente, ou seja, o inconsciente é um âmbito do ser humano do qual, por si só, consegue agir ou determinar que o homem agirá de alguma forma. Freud (1976) relata que o conflito que se travava em outros níveis da psique entre a vaidade e a autocrítica, determinará o conteúdo do sonho, mas só o desejo mais profundamente enraizado de ser jovem é que possibilita a esse conflito aparecer como um sonho. Assim, fica evidente que, para Freud, o inconsciente é uma força extremamente ativa na psique do indivíduo, do qual, querendo ou não, será determinado a sonhar, agir, pensar, da forma que o inconsciente assim se manifestar.

Em estudo, verifica-se que para Freud o inconsciente tem um funcionamento próprio, tendo uma maneira de ser trabalhado, interpretado e compreendido. Freud (1987) relata que não se deve esquecer, que ao lidar com um processo inconsciente de pensamento, pode-se diferir com facilidade do que é percebido durante a reflexão intencional acompanhada pela consciência.

Para se compreender a complexidade do conceito de inconsciente, Freud explica que o inconsciente está sempre em comunicação, ou seja, o inconsciente está sempre em contato com o indivíduo. Segundo Freud (1976) tudo o que sabemos até agora sobre os sonhos é que eles expressam a realização de um desejo do inconsciente, é como se o sistema dominante, pré-consciente, aquiescesse nisso depois de insistir num certo número de distorções. Isso nos leva à compreensão de que o inconsciente, seja através dos sonhos ou não, se expressa para a realização de um desejo inconsciente.

Pode-se concluir então, que para Freud, o inconsciente é uma força agente do qual sempre está nos submetendo às suas influências, assim como tem um próprio funcionamento para ser descoberto e tratado através de suas comunicações, isto é, coisas que acontecem com nosso corpo, mente etc. Este conceito também tem outras características e sempre se é referido como um conceito individual.

2. O INCONSCIENTE COLETIVO DE JUNG

Carl Gustav Jung nasceu na Suíça em 1875. Foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Com um legado influente nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura, criou alguns dos mais conhecidos conceitos psicológicos, incluindo a distinção entre personalidade extrovertida e introvertida, as ideias de arquétipo e de inconsciente coletivo, bem como a noção de sincronicidade (MCLYNN, 2002).

Ao estudar os conceitos de Jung, o inconsciente não só carrega as descrições que Freud definiu como individual, mas também é descrito como coletivo. Segundo Jung (2002) esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Para Jung, a opção pelo termo "coletivo" é o fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal, ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo um substrato psíquico comum de natureza psíquica supra pessoal que existe em cada indivíduo.

O inconsciente coletivo também tem um funcionamento próprio, do qual, como os outros, deve ter um método específico para que assim possa ser acessado e compreendido. Sobre esta questão, Jung (2002) diz que para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos

conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos.

Outro ponto fundamental no conceito que Jung descreve ao longo de sua obra é de que o inconsciente também se comunica, isto é, estes arquétipos estão presentes em imagens inconscientes dos quais se apresentam a nós ao longo de nossas vidas. Jung (2002) explana que o coletivo do inconsciente são analogias rigorosas dos arquétipos, tão rigorosas que há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o modelo básico do comportamento instintivo.

Pode-se afirmar conclusivamente que o inconsciente para Jung se aplica a tudo aquilo que Freud disse, mas também carrega características coletivas, arquetípicas, pois entre sociedades das quais nunca tiveram contato, conseguem ter a mesma imagem arquetípica. Assim como tem características próprias para seu funcionamento e tratamento, uma comunicação com o exterior é uma força agente que pode ser falada aos outros.

3. O INCONSCIENTE FAMILIAR DE SZONDI

Leopold Szondi nasceu num bairro judeu em Nitra, hoje parte da Eslováquia. Estudou medicina, especializando-se em psiquiatria. Tornou-se um leitor ávido das obras de Freud. Fez psicanálise com Adolf Neumann, um discípulo de Sandor Ferenczi, que, por sua vez, foi discípulo direto de Freud. Apesar das dificuldades enfrentadas durante a 1ª Guerra Mundial, Szondi concluiu seus estudos em 1919. Em 1926 Szondi já era bem conhecido nos meios acadêmicos, obtendo título de livre docente (SCHOTTE, 1990).

O ano de 1930 foi decisivo para o desenvolvimento de sua teoria, “análise do destino”. A partir do estudo da genealogia das famílias de seus pacientes, Szondi começou a delinear a teoria da eletividade genética e da propensão para desenvolver determinadas doenças ou distúrbios.

Para Leopold Szondi, o inconsciente familiar, está ligado à biologia familiar. É uma força agente, sendo a influência deste inconsciente na vida do indivíduo tão grande que este chega a repetir a vida de seus antepassados. Segundo Szondi (1975) a análise do destino é uma tendência da psicologia profunda que procura, tornar conscientes os apelos ancestrais inconscientes. Por ela, a indivíduo é levado a confrontar-se com as possibilidades que seu destino lhe oferece (das quais não tinha ainda consciência) e posto diante da alternativa de escolha de uma vida pessoal mais adequada.

O item de fundamental característica do inconsciente segundo Szondi, é a característica familiar, onde existem forças inconscientes diretamente ligadas à hereditariedade do indivíduo, forças das quais lhe influenciam e determinam pela força do sangue parentesco. Sobre isso, Szondi (1975) comenta que já se constatou que o indivíduo está equipado com todas as suas possibilidades de existência. Isto é, que no seu inconsciente devem existir ancestrais familiares - quase como moldes e figuras, como possibilidades diversas de vida. Esses ancestrais têm de estar presentes, para seu próprio destino, no inconsciente do indivíduo, e certamente no núcleo das células, isto é, nos genes dos cromossomos. Os antepassados carregados no patrimônio hereditário esforçam-se por manifestar-se. Psicologicamente, esse ímpeto de manifestação é expresso como "pretensão dos ancestrais".

Assim, pode-se entender aquilo que Szondi definiu como o inconsciente familiar e as suas definições e influências na vida dos indivíduos. Por fim, Szondi junta os inconscientes descritos por Freud e Jung; e coloca um novo âmbito familiar, do qual está ligado a hereditariedade. Mas que também tem suas características similares aos outros inconscientes.

CONCLUSÃO

Este estudo apresentou os conceitos referente ao inconsciente, utilizando a abordagem original dos autores. Foram estudados o inconsciente individual de Freud, o inconsciente coletivo de Jung, e o inconsciente familiar de Szondi. Ao longo deste trabalho foi descrito aquilo que se pode captar, observar e analisar sobre os conceitos de inconsciente pelos autores de algumas das principais correntes ao longo da história da psicanálise.

Pode-se observar que muitos detalhes dos conceitos de inconsciente apresentados, apesar de, ao longo da história, se separarem em ciências, de certa forma diferente, muitos deles se complementam entre si, mostrando que, em sua maior parte, os conceitos desenvolvidos pelos autores analisados, ao ser observado em seus detalhes, se parecem mais um conceito único que se complementa com várias partes, do que conceitos separados entre si. Assim, pode-se depreender que Freud, Jung e Szondi desenvolveram teorias distintas sobre o conceito de inconsciente, mas, estes estudos se mostraram complementares entre si, fazendo concluir que estas denominações de inconsciente são em si, um só conceito com algumas variações.

REFERÊNCIAS

BERTO, R.M.V.S., NAKANO, D. N. **A Produção Científica nos Anais do Encontro Nacional de Engenharia de Produção: Um Levantamento de Métodos e Tipos de Pesquisa**. Produção, v. 9, n. 2, p. 65-76, 2000.

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12. ed. Porto: Porto, 2003.

BREUER, J. e FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 2, Rio de Janeiro, Imago, 1990.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900-1901). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 5, 1976.

_____. A interpretação dos sonhos (parte I). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**, v. 4, 1987.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2ª edição. **Petrópolis: Editora Vozes**, 2002.

MCLYNN, F. **Carl Gustav Jung - Uma Biografia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record. 2002.

NUNES, R. **Manual da monografia jurídica: como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

ROTH, M. S. **Falling into history: Freud's case of Frau Emmy von N**. Em M. Dimen & A. Harris (Org.s). New York: Other Press. 2001.

SCHOTTE J., **Szondi avec Freud. Sur la voie d'une psychiatrie pulsionnelle**, Bruxelles, Éditions De Boeck-Université, 1990.

SZONDI, Leopold. **Introdução A Psicologia Do Destino: liberdade e compulsão no destino do homem, na escolha da profissão, amigos, esposa, doenças**; tradução J. A. C. Muller. São Paulo, Manole, 1975.